

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO**

CARINE MARITAN

**AVALIAÇÃO DA COLEÇÃO DE OBRAS BÁSICAS
DA BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA UFRGS.**

**PORTO ALEGRE
2005**

CARINE MARITAN

**AVALIAÇÃO DA COLEÇÃO DE OBRAS BÁSICAS
DA BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA UFRGS.**

Monografia apresentada como parte dos requisitos necessários para a aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão do Curso de Biblioteconomia, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Prof^a. Orientadora: Regina Helena van der Laan

**PORTO ALEGRE
2005**

RESUMO

Descreve a atividade de desenvolvimento de coleções e suas etapas, principalmente sobre a avaliação de acervos em bibliotecas universitárias. Relata a avaliação da coleção de obras básicas, da Biblioteca do Instituto de Psicologia da UFRGS em relação aos planos de ensino das disciplinas obrigatórias do Curso de Graduação em Psicologia. A metodologia utilizada teve como enfoque a análise qualitativa e quantitativa, utilizando para isso, a bibliografia básica dos planos de ensino. A lista de obras básicas, foi comparada ao acervo para verificar a existência ou não do material na coleção. Os produtos desta avaliação foram listas de obras recomendadas para aquisição, com suas prioridades. Também sugere o remanejamento de obras esgotadas. A análise dos dados demonstra que o nível de qualidade do acervo é satisfatório.

Palavras-chave: Desenvolvimento de Coleções. Avaliação de Coleções. Biblioteca Universitária – Psicologia.

ABSTRACT

This tells the evaluation of the collection of the basic works of the Library of the Institute of Psychology of the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), in relation to the plans of teaching of the obligatory disciplines of the degree course in Psychology, with the intention of finding out if this collection is qualitative and quantitatively appropriate to its users' needs. It approaches and describes the academical library and the activities of the development of collections: politics, users' study, selection, acquisition, rough-hewing and evaluation. The used methodology had as focus the qualitative and quantitative analysis, using for that, the basic bibliography of the teaching plans. Elaborated a list of the basic works that was compared to the collection to verify the existence or not of the material in the collection. The analysis of the data demonstrates that the level of quality of the collection is satisfactory. It suggests the rearrangement of out of print works. It has as product, list of works recommended for acquisition, with its priorities.

Key-words: Development of Collections. Evaluation of Collections. University Library - Psychology.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 JUSTIFICATIVA.....	09
3 OBJETIVOS.....	10
3.1 Objetivo Geral.....	10
3.2 Objetivos Específicos.....	10
4 BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA.....	12
5 DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES.....	14
5.1 Políticas para o Desenvolvimento de Coleções.....	17
5.2 Estudo de Usuários.....	19
5.3 Seleção.....	20
5.4 Aquisição.....	23
5.5 Desbastamento.....	26
5.6 Avaliação.....	27
5.6.1 Método Quantitativo.....	29
5.6.2 Método Qualitativo.....	30
5.6.3 Método de Fatores de Uso.....	31
6 METODOLOGIA.....	33
6.1 Objeto de Estudo.....	33
6.2 Procedimento de Coleta dos Dados.....	33
6.3 Análise e Apresentação dos Dados.....	35
6.4 Considerações e Limitações do Estudo.....	37
7 ANÁLISE DOS DADOS.....	38
7.1 Análise Qualitativa.....	38
7.1.1 Autoria.....	39
7.1.2 Idioma.....	40
7.1.3 Ano de Publicação.....	42
7.1.4 Editoras.....	44
7.2 Análise Quantitativa.....	46
7.3 Comparação da Lista de Obras Básicas com a Coleção da Biblioteca.....	47

8 CONCLUSÕES E SUGESTÕES.....	50
REFERÊNCIAS.....	53
APÊNDICES.....	55
APÊNDICE A – Solicitação para os Professores (as).....	56
APÊNDICE B – Lista de Obras Básicas, com Prioridade 1 de Aquisição.....	57
APÊNDICE C – Lista de Obras Básicas, com Prioridade 2 de Aquisição.....	58
APÊNDICE D – Lista de Obras Básicas, com Prioridade 3 de Aquisição.....	61
APÊNDICE E – Lista de Obras Básicas, com Prioridade 4 de Aquisição.....	64
APÊNDICE F – Lista de Obras Complementares.....	70
APÊNDICE G – Lista de Obras Esgotadas (para remanejo).....	72

1 INTRODUÇÃO

A biblioteca universitária possui um papel importante na comunidade, pois representa uma fonte de informação que apóia o processo educativo, principalmente quando possui uma coleção de qualidade e oferece serviços adequados, rápidos e eficientes. Para que isso ocorra, é fundamental que a coleção da biblioteca esteja em consonância com os programas e planos de ensino da instituição, a qual a biblioteca está inserida.

A Biblioteca do Instituto de Psicologia é uma biblioteca setorial do Sistema de Bibliotecas da UFRGS (SBU), que está ligada administrativamente ao Instituto de Psicologia e tecnicamente à Biblioteca Central. Até 1973, o acervo de Psicologia fazia parte do acervo da antiga Faculdade de Filosofia, mas com a reforma universitária, foi criado o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Nesta ocasião, surgiu o Curso de Psicologia e seu acervo foi separado fisicamente do restante.

O principal objetivo da Biblioteca do Instituto de Psicologia é atender as necessidades de informação de seus usuários, além de organizar, preservar, disseminar e atualizar constantemente seu acervo bibliográfico. Seus usuários são alunos da graduação, da pós-graduação, professores e funcionários do Instituto de Psicologia, mas também está aberta a toda comunidade universitária e a comunidade em geral.

Atualmente, a Biblioteca ocupa uma área física de 130 m², com um acervo de 15.243* títulos, entre livros, teses e dissertações, obras de referência, títulos de periódicos, folhetos, fitas de vídeo e CD's.

* Dados coletados em 02 de maio de 2005 (Relatório do Aleph).

O interesse em avaliar o acervo da Biblioteca do Instituto de Psicologia ocorreu durante a realização de estágios, obrigatório e não-obrigatório, quando foi possível observar que, apesar da grande quantidade de materiais, a demanda não era totalmente atendida. Entre as dificuldades observadas, pode-se destacar a falta de títulos importantes para a área de Psicologia e a existência de poucos exemplares para obras de muita demanda.

Dessas observações, emergiu a questão norteadora deste trabalho. O acervo da Biblioteca do Instituto de Psicologia está qualitativa e quantitativamente adequado às necessidades de seus usuários?

2 JUSTIFICATIVA

Este estudo justifica-se pela necessidade da Biblioteca do Instituto de Psicologia da UFRGS avaliar a sua coleção e verificar sua adequação, em relação à bibliografia básica dos planos de ensino, das disciplinas obrigatórias do Curso de Graduação em Psicologia, de forma a destacar seus pontos fracos, objetivando favorecê-los nas próximas aquisições da Biblioteca.

A avaliação da coleção irá permitir ao bibliotecário conhecer o estado atual do acervo, além de, poder verificar se as etapas anteriores do processo de desenvolvimento de coleções estão ocorrendo de forma coerente, permitindo efetuar correções necessárias.

3 OBJETIVOS

Os objetivos desse trabalho foram divididos em objetivo geral e objetivos específicos

3.1 Objetivo Geral

Avaliar a coleção da Biblioteca do Instituto de Psicologia da UFRGS, verificando se a mesma está qualitativamente e quantitativamente adequada às necessidades de informação do Curso de Graduação em Psicologia.

3.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos são:

- a) coletar a bibliografia dos planos de ensino das disciplinas obrigatórias do Curso de Graduação em Psicologia, no semestre 01/2005;
- b) listar as obras, consideradas básicas, pelos professores responsáveis pelas disciplinas;
- c) comparar esta lista com o acervo da Biblioteca verificando a existência ou não do material;

- d) elaborar listas de obras recomendadas para aquisição;
- e) indicar prioridades de aquisição.

4 BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

A educação é um fator importante para o desenvolvimento econômico e social de um país, sendo a biblioteca um dos instrumentos essenciais no processo de ensino, auxiliando no desenvolvimento integral do indivíduo. Ferreira (1980, p. 5) afirma que:

[. . .] não se pode mesmo conceber ensino sem utilização de bibliotecas, as quais, além de possibilitarem acesso à informação, têm um papel da maior relevância, enquanto favorecem o desenvolvimento de potenciais, capacitando pessoas a formarem suas próprias idéias e a tomarem suas próprias decisões.

Conforme Lampert (2000, p. 20) a função da universidade é: "[. . .] gerar um saber que atenda aos problemas da humanidade como um todo, sem restrição temporal ou espacial." Para o autor, a universidade tem o compromisso de gerar soluções imediatas e, a função de gerar saber comprometido com a inovação e com a transformação da sociedade.

Sendo assim, a biblioteca universitária é parte importante das instituições de ensino superior, pois representa uma fonte de informação, que além de apoiar o processo de educação, torna possível o avanço tecnológico e científico.

Negrete Gutiérrez (1988, p. 7) argumenta sobre o papel das bibliotecas universitárias:

Las bibliotecas universitarias, como parte del sistema educativo nacional, juegan un papel sumamente importante como medio de educación, de investigación, de recreación, de difusión de la cultura y de los conocimientos disponibles, a través de sus colecciones documentales y de los servicios adecuados que permiten el acceso a la información.

Além dos objetivos educacionais, a biblioteca universitária também possui objetivos técnicos e institucionais, que segundo Macedo e Dias (1992) são: organizar as coleções, disseminar a informação e orientar o uso, controlar o sistema de informação e direcionar suas atividades ao cumprimento dos objetivos da instituição. A biblioteca universitária deve funcionar como um centro de informação e estar integrada a universidade, atendendo ao ensino, a pesquisa e a extensão.

Em virtude da falta de recursos, como espaço físico para o armazenamento, alto custo dos documentos e deficiência de pessoal especializado (bibliotecários), as bibliotecas universitárias possuem dificuldades em atender as necessidades de informação de seus usuários. Para evitar que esse problema se agrave, a biblioteca deve trabalhar visando os mesmos objetivos da instituição. Assim, à medida que a universidade melhora os seus padrões de ensino, pesquisa e extensão, a biblioteca receberá mais subsídios para manter um serviço de qualidade.

Portanto, a biblioteca constitui um elemento indispensável em uma universidade, pela sua contribuição tecnológica, científica, cultural e educacional. Independente da sua organização administrativa, ela deve formar e manter atualizada a sua coleção, sendo a qualidade das informações encontradas na biblioteca, um fator que influencia na formação acadêmica e profissional dos estudantes.

5 DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES

Com o crescimento cada vez mais rápido da produção bibliográfica, as bibliotecas encontram dificuldades de possuir todos os materiais publicados em determinada área do conhecimento. Neste contexto, é fundamental desenvolver atividades que possibilitem a expansão e atualização do acervo de forma eficiente. O desenvolvimento de coleções é uma atividade desenvolvida pela biblioteca, que exige critérios, planejamento e auxilia na administração da coleção.

Segundo Weitzel (2002, p. 63) “[. . .] o desenvolvimento de coleções tornou-se recurso fundamental para se administrarem as coleções de acordo com os interesses e o perfil daqueles que necessitam de informação mais especializada.” Para Evans (1979), o desenvolvimento de coleções é um processo universal, dinâmico, que identifica os materiais que fazem parte da coleção de uma biblioteca, corrigindo falhas, para assim, satisfazer as necessidades de informação dos usuários.

Através da abordagem sistêmica, proposta por G. Edward Evans, o desenvolvimento de coleções é um processo cíclico e ininterrupto, no qual todas as etapas estão interligadas e em condição de igualdade, dependem umas das outras para o seu funcionamento e giram em torno dos bibliotecários, responsáveis pelo acervo. Nesse processo, deve-se conhecer a comunidade, que influenciará em todas as etapas, à exceção da etapa da aquisição.

Para Vergueiro (1989), esse enfoque sistêmico só terá garantida sua efetividade, se o processo de desenvolvimento de coleções se transformar em uma atividade rotineira da biblioteca. Já para Negrete Gutiérrez (1999), o

desenvolvimento de coleções é um processo que permite satisfazer as necessidades de informação dos usuários, mediante a informação e orientação de obras básicas e aprofundadas em todas as áreas de interesse, de maneira sistemática e coerente.

Sendo assim, o principal objetivo do desenvolvimento de coleções é promover a qualidade dos materiais existentes na biblioteca e não apenas a quantidade, e principalmente, atender as necessidades de informação da comunidade.

Segundo Figueiredo (1991), existem princípios para o desenvolvimento de coleções que facilitarão a execução do processo. São eles:

- a) o desenvolvimento de coleções deve ser dirigido às necessidades da comunidade;
- b) a coleção deve atender as necessidades da comunidade real e da comunidade potencial;
- c) o desenvolvimento de coleções deve ser realizado com o auxílio de programas de cooperação;
- d) devem ser considerados todos os formatos de materiais;
- e) o processo de seleção não pode sofrer censura;
- f) somente a prática facilitará no processo de seleção dos materiais;
- g) o desenvolvimento de coleções deve ser composto por seis elementos: análise da comunidade, políticas, seleção, aquisição, desbastamento e avaliação.

Neste contexto, é importante também, um conhecimento aprofundado da instituição à qual a biblioteca está inserida, bem como seus objetivos. Existem fatores que influenciam profundamente no desenvolvimento de coleções, principalmente em bibliotecas universitárias:

Há vários fatores [. . .], tais como a natureza do currículo, o corpo docente (tamanho, necessidade, interesses de pesquisa), a quantidade de verba disponível e o tamanho atual da coleção. Outros fatores, talvez menos importantes, mas que também podem afetar este desenvolvimento, são os objetivos educacionais, a proximidade com outras bibliotecas, os pontos fracos e fortes da coleção já existente, a participação em programas de compartilhamento de recursos, etc. A coleção da biblioteca universitária deve apoiar o currículo com materiais para as áreas de assunto cobertas pela universidade, prover uma coleção básica dirigida ao desenvolvimento de pessoas de alto nível e ainda manter uma outra coleção especializada para apoiar a pesquisa do corpo docente [. . .] (FIGUEIREDO, 1991, p. 33).

Ainda, conforme Figueiredo (1993), a coleção da biblioteca universitária pode ser dividida em níveis:

- a) nível de completeza: coleção à qual a biblioteca deve fazer o máximo para incluir todas as publicações significativas e em todas as línguas (trabalhos significativos);
- b) nível de pesquisa: coleção que inclui as melhores fontes de materiais requeridos para dissertações e pesquisas (relatórios de pesquisa, resultados de experimentos, monografias especializadas, periódicos, serviços de indexação e resumo);
- c) nível de estudo: coleção adequada para manter o conhecimento de um assunto requerido para propósitos limitados ou generalizados (monografias básicas, coleções e seleções de autores importantes, seleções de periódicos representativos e instrumentos de referência);
- d) nível básico: coleção que serve para introduzir o assunto e indicar as variedades de informação disponíveis em outro lugar (dicionários, enciclopédias, seleção de trabalhos importantes, levantamentos históricos, bibliografias e poucos periódicos);

e) nível mínimo: coleção sobre assunto que é fora da área principal da biblioteca.

Embora muitas bibliotecas não possuam exatamente esses níveis de coleção, é fundamental equilibrar todos, para que o acervo se desenvolva continuamente, com qualidade e satisfazendo as necessidades de informação de seus usuários.

Tendo como referência a abordagem sistêmica de Evans, citada anteriormente, as etapas do desenvolvimento de coleções serão descritas a seguir.

5.1 Política para o Desenvolvimento de Coleções

A política para o desenvolvimento da coleção de uma biblioteca, faz parte de um documento, preferencialmente elaborado pelo bibliotecário responsável pelo acervo. Neste documento estão estipulados critérios para o desenvolvimento de coleções, especificados os usuários que serão atendidos, sendo um instrumento de auxílio aos bibliotecários.

A função principal dessa política é nortear o trabalho dos bibliotecários no que diz respeito ao desenvolvimento de coleções. Para Vergueiro (1989, p. 25), a elaboração de políticas envolve ainda a instituição a qual a coleção está inserida:

Mais exatamente, trata-se de tornar público, expressamente, o relacionamento entre o desenvolvimento da coleção e os objetivos da instituição a que esta coleção deve servir, tanto por causa da necessidade de um guia prático na seleção diária de itens, como devido ao fato de ser tal documento uma peça-chave para o planejamento em larga escala.

A política de desenvolvimento de coleções tem como principais objetivos fornecer subsídios para a avaliação da coleção e para o desbastamento, definir as áreas de interesse da biblioteca, além de auxiliar na reflexão e auto-avaliação dos bibliotecários, na administração dos recursos financeiros e na solução de eventuais dúvidas ao longo do trabalho.

Além disso, uma política permite a formação de uma coleção de boa qualidade e oferece diretrizes para o crescimento consistente e equilibrado do acervo. Segundo Vergueiro (2002), a busca pela qualidade é uma das marcas características da segunda metade do século XX.

Para elaborar a política de desenvolvimento de coleções, segundo Vergueiro (1989), deve-se ter dados referentes ao estado atual da coleção, a comunidade a ser atendida e aos recursos disponíveis. Para o autor, no documento deve constar o responsável pela tomada de decisão e necessariamente informar:

- a) que material fará parte da coleção (tanto em conteúdo, como em formato);
- b) as condições para o material ingressar no acervo;
- c) a comunidade a ser atendida;
- d) como será a avaliação da coleção;
- e) as condições para a retirada do material do acervo.

Em função da constante mudança dos dados incluídos em uma política para o desenvolvimento de coleções, esta deve também ser flexível, aceitando mudanças e correções necessárias.

Assim, a política não se destina apenas à economia de recursos financeiros, pessoas e espaço físico, mas também, garante a continuidade do processo de desenvolvimento de coleções e a execução de possíveis correções.

5.2 Estudo de Usuários

De acordo com Figueiredo (1994), os usuários de uma unidade de informação podem ser usuários reais, que necessitam de informação e utilizam a biblioteca e usuários potenciais, que necessitam de informação, mas não utilizam a biblioteca.

O estudo de usuários tem a finalidade de identificar esses tipos de usuários, para conhecer suas opiniões, atitudes, necessidades e a sua satisfação em relação aos produtos e serviços oferecidos pela biblioteca (MACHADO, 2004). Além disso, o estudo de usuários tem a função de orientar a seleção, prever a demanda e auxiliar no planejamento e na criação de novos serviços e produtos.

Figueiredo (1994, p. 7), define estudo de usuários como:

[. . .] investigações que se fazem para saber o que os indivíduos precisam em matéria de informação, ou então para saber se as necessidades de informação por parte dos usuários de uma biblioteca ou de um centro de informação estão sendo satisfeitas de maneira adequada.

Esse tipo de estudo serve de canal de comunicação entre a biblioteca e os seus usuários, para identificar suas necessidades e aplicar os dados obtidos, aos objetivos específicos da biblioteca.

Nas bibliotecas universitárias, os usuários são, especificamente, alunos, professores, pesquisadores e funcionários da instituição à qual a biblioteca está inserida.

Os instrumentos utilizados para coletar essas características/informações, são questionários, entrevistas e observação direta. Em bibliotecas universitárias e escolares, pode-se também utilizar os programas e planos de ensino, pois eles representam as áreas de interesse das disciplinas e cursos oferecidos pela instituição.

Portanto, com a realização do estudo de usuários, as bibliotecas passam a conhecer as necessidades de informação de seus usuários e/ou as causas da não utilização da biblioteca pelos usuários potenciais.

5.3 Seleção

A seleção é uma atividade do processo de desenvolvimento de coleções, que tem como objetivos, determinar os materiais que serão adquiridos e os que serão descartados do acervo.

Figueiredo (1993, p. 54) comenta a vantagem de um processo de seleção de qualidade: “Uma coleção selecionada e desenvolvida conforme os interesses e necessidades dos usuários torna mais fácil o acesso, a recuperação e a disseminação da informação.”

A atividade de seleção representa o controle da qualidade dos materiais que farão parte do acervo. Na seleção de materiais para as bibliotecas universitárias, deve-se levar em consideração as atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas pela universidade.

Para Vergueiro (1997) algumas considerações devem ser observadas no processo de seleção:

- a) o assunto: para verificar se os materiais que serão incluídos no acervo, estão ou não cobertos pela coleção;
- b) o usuário: para conhecer suas características, preferências e definir o benefício que cada material do acervo pode trazer a comunidade;
- c) o documento: para verificar se a biblioteca dispõe de material suficiente sobre determinado assunto;
- d) o preço: para definir se a biblioteca tem condições de arcar com o custo de cada documento e se seu benefício justifica o custo.

Essas considerações, permitirão ao bibliotecário formar um acervo que esteja adequado aos interesses dos usuários e aos objetivos da instituição.

Para auxiliar na atividade de seleção, pode-se contar com instrumentos auxiliares. Vergueiro (1989) destaca:

- a) catálogos de editores, folhetos e anúncios: possuem informações básicas para a identificação do item. Apesar da grande quantidade, podem conter informações úteis e devem ser organizados em arquivos;
- b) resenhas: trazem, além das informações indispensáveis para a identificação do item, um resumo e/ou avaliação do material. Deve-se verificar o autor e o meio de publicação;
- c) bibliografias e listas de livros recomendados: pode-se utilizar bibliografias nacionais e de assunto, catálogos de grandes bibliotecas e listas de livros recomendados, básicas de assunto, de melhores livros, etc.

Conforme o suporte físico do material, os instrumentos auxiliares à seleção devem ser mais específicos.

A etapa de seleção exige critérios que farão parte da política de seleção. Para Negrete Gutiérrez (1998) a política de seleção é um instrumento de auxílio, para facilitar que os objetivos determinados no desenvolvimento de coleções, sejam constantemente observados. Essa política garante que a qualidade e o tamanho do acervo estejam de acordo com as necessidades de informação dos usuários.

Para Vergueiro (1997, p. 77), esses critérios que farão parte da política de seleção devem “[. . .] funcionar para a biblioteca, como funcionam as leis para um país: enquanto não são mudadas, devem ser obedecidas.” O autor, agrupa os critérios de seleção por enfoque:

- a) o conteúdo dos documentos: autoridade, precisão, imparcialidade, atualidade, cobertura e tratamento;
- b) a adequação ao usuário: conveniência, idioma, relevância e estilo;
- c) aspectos adicionais do documento: características físicas, aspectos especiais (inclusão e qualidade de bibliografias, apêndices, índices, etc.), contribuição potencial e custo.

Em geral, estes são os critérios utilizados no processo de seleção, mas existem critérios específicos para determinados tipos de documentos, como periódicos, materiais audiovisuais e documentos eletrônicos. Nestes casos, deve-se elaborar critérios específicos de seleção, que sejam coerentes aos objetivos da instituição.

No momento de definir uma política de seleção, o bibliotecário não pode deixar que sua opinião pessoal influencie no processo. Com a censura, a biblioteca

deixará de atender as necessidades de informação de seus usuários e formará uma coleção apenas com critérios pessoais.

A partir destas considerações, critérios e instrumentos relativos à seleção, a biblioteca estabelecerá uma lista de materiais que serão adquiridos e incluídos, posteriormente, no acervo.

5.4 Aquisição

A etapa da aquisição é considerada uma atividade administrativa do desenvolvimento de coleções, que muitas vezes segue juntamente com a etapa de seleção, mas que não possui interferência da comunidade.

Isto acontece porque o papel da aquisição, no processo, constitui-se em localizar e, posteriormente, assegurar a posse, para a biblioteca, daqueles materiais que foram definidos, pela seleção, como de interesse (VERGUEIRO, 1989, p. 63).

Para Figueiredo (1993, p. 65), a “aquisição é a operação que resulta da seleção.” É uma etapa na qual se concretizam as decisões que foram tomadas na seleção. Nessa etapa, os materiais selecionados podem ser adquiridos através de três modalidades distintas: compra, permuta e doação.

Qualquer que seja a modalidade de aquisição, Andrade e Vergueiro (1996) ressaltam a importância da existência de algum tipo de documento, um manual de aquisição, que registre a forma como as atividades de aquisição devem

ser realizadas no dia-a-dia.

Na modalidade de aquisição por compra, Vergueiro (1989) recomenda observar as etapas:

- a) informações sobre os materiais: obter dados bibliográficos e verificar a já existência do material no acervo;
- b) o processo de compra dos materiais: selecionar o fornecedor, levando em consideração aspectos relacionados ao custo e tempo;
- c) organização de arquivos: manter e controlar arquivos dos itens selecionados e dos itens em processo de aquisição;
- d) administração dos recursos: abrange a distribuição, controle e utilização dos recursos disponíveis para aquisição.

Segundo Andrade e Vergueiro (1996), essas etapas devem ser observadas nas três modalidades de aquisição por compra: por licitação, sem licitação e por adiantamento*.

As compras por licitação são realizadas nas bibliotecas ligadas a órgãos públicos e podem ser realizadas de diferentes formas: tomada de preço, concorrência, convite, concurso, leilão e pregão eletrônico. As compras por licitação atrasam o processo de aquisição de materiais nas bibliotecas, em virtude da demora no processo.

Para os autores citados anteriormente, as compras sem licitação ocorrem por dispensa de licitação (quando as compras têm valor inferior ao estabelecido por lei, quando não tiverem fornecedores interessados ou quando os materiais são produzidos pelo órgão público ao qual a biblioteca está inserida) ou por inexigibilidade de licitação (quando o material está disponível apenas com um

* Ver Lei nº. 8.666 de 21 de junho de 1993, que regulamenta o art. 37, inciso XXI, da Constituição Federal, que institui normas para licitações e contratos da Administração Pública.

fornecedor). Em geral, as compras sem licitação são mais ágeis que as compras com licitação.

As compras por adiantamento são realizadas quando há urgência na aquisição do material. Conforme Andrade e Vergueiro (1996), o adiantamento é “[. . .] um valor fornecido pela administração, depositado em conta bancária em nome de servidor credenciado da biblioteca, que executará as compras e o pagamento diretamente ao fornecedor.”

A permuta, outra modalidade de aquisição, auxilia muito no desenvolvimento de coleções. Vergueiro (1989, p. 70-71) comenta as vantagens:

Por um lado, possibilitam a aquisição de muitos materiais cuja posse não poderia ser obtida por outros canais, principalmente por se tratarem, em grande número de vezes, de materiais esgotados e, em alguns casos, até mesmo de relativa raridade; possibilitam à biblioteca, por outro lado, utilizar, com bastante vantagem, as duplicatas indesejadas que se vão acumulando com o correr do tempo ou até mesmo às doações recebidas e que, por um motivo ou outro, não lhe interessou incorporar ao acervo.

Assim, a permuta mostra-se uma opção valiosa para a aquisição de materiais, principalmente para completar as falhas da coleção e para adquirir obras esgotadas.

Na aquisição por doação, deve-se respeitar os mesmos critérios de seleção utilizados na compra de materiais, em virtude dos altos custos do processamento e armazenamento. Para garantir sucesso nessa forma de aquisição, deve-se elaborar critérios de seleção, que farão parte da política de desenvolvimento da coleção. Para Vergueiro (1989, p. 69), nessa política serão estabelecidos “[. . .] critérios para recebimento de doações sob condição [. . .] e as disposições em

relação ao estabelecimento de convênios, com outras instituições ou entidades, para o recebimento de doações."

As doações podem ser solicitadas (autores, associações ou instituições oferecem gratuitamente suas publicações, para possuírem maior divulgação) ou espontâneas (os materiais são doados à biblioteca por vários motivos). Em geral, nas doações espontâneas é indicado avisar ao doador sobre a possível doação do material para outra instituição.

Para as bibliotecas, essas são as modalidades de aquisição dos materiais de informação, em qualquer suporte físico. Esses materiais farão parte do acervo, até o momento da sua retirada, para possibilitar que a coleção continue crescendo ordenadamente.

5.5 Desbastamento

O desbastamento é um processo que consiste em extrair documentos da coleção, para que ela possa se desenvolver harmonicamente. Para Lancaster (1996, p. 119), a principal razão para o desbastamento é “[. . .] otimizar o aproveitamento do espaço disponível na biblioteca.” Mas existem razões básicas para o desbastamento (FERREIRA, 1993): economia do espaço e melhoria da acessibilidade.

O processo de desbastamento pode ser por descarte ou por remanejamento. Cada um desses processos possui seus objetivos e finalidades específicas.

O descarte é o processo de retirada definitiva do documento que faz parte da coleção, para doação ou eliminação. Vergueiro (1989, p. 76) afirma:

Representa uma decisão final de análise da situação de cada item, a definição de que o mesmo já não preenche aquelas condições que justificaram sua aquisição, seja porque as necessidades informacionais da comunidade se modificaram e as que o item, originalmente, buscava atender deixaram de manifestar-se, seja porque as informações por ele veiculadas, devido à cada vez mais rápida evolução do conhecimento humano, ficaram desatualizadas e deixaram de apresentar grande contribuição à comunidade que a coleção busca servir, ou devido a muitos outros fatores [. . .].

O remanejamento, é o processo de retirada de documentos da coleção para locais de menor acesso, como depósitos, “[. . .] significa identificar aqueles materiais com menor demanda e torná-los menos acessíveis do que outras partes da coleção, com maior demanda.” (FIGUEIREDO, 1993, p. 121).

Para garantir a sua qualidade, o remanejamento deve ser um processo contínuo e realizado periodicamente. Vergueiro (2002) salienta que a qualidade acontece quando as tomadas de decisão consideram as necessidades dos usuários acima de tudo e quando é retomada dia-a-dia.

Os critérios para o remanejamento devem ser descritos na política de desenvolvimento de coleções da biblioteca, auxiliando, assim, na avaliação da coleção.

5.6 Avaliação

A avaliação da coleção é a etapa que mais requer tempo no processo de desenvolvimento de coleções. É a partir dela que são identificados os problemas existentes no acervo.

Ao avaliar um acervo, o que se procura de fato é determinar o que a biblioteca deveria possuir e não possui, e o que possui mas não deveria possuir, tendo em vista fatores de qualidade e adequação da literatura publicada, sua obsolescência, as mudanças de interesse dos usuários, e a necessidade de otimizar o uso de recursos financeiros limitados. A avaliação de um acervo, ou parte dele, pode ser feita com o objetivo de melhorar as políticas relacionadas com os períodos de empréstimo e taxas de publicação, ou embasar decisões relacionadas com o uso do espaço (LANCASTER, 1996, p. 20).

Negrete Gutiérrez (1988, p. 29) completa: “[. . .] *es el proceso mediante el cual pueden cuantificarse los logros de una organización frente a las metas y objetivos que se han planteado.*”

Existem inúmeros motivos para se avaliar uma coleção, entre eles, verificar seu tamanho e qualidade, sua abrangência e utilização, seus pontos fracos e lacunas, além de capacitar a coleção para atender melhor a sua comunidade e dar subsídios para a administração, o planejamento e o desbastamento da coleção.

Em relação ao desenvolvimento de coleções, Vergueiro (1989, p. 93) acrescenta: “[. . .] a avaliação permitirá ao bibliotecário verificar se as etapas anteriores do processo, do estudo de comunidade ao desbastamento, estão sendo realizadas de forma coerente.”

A avaliação deve ser uma atividade constante, um processo contínuo, que deve fazer parte das rotinas de serviços da biblioteca (FIGUEIREDO, 1985). Isso é fundamental para se ter conhecimento do estado que a coleção se encontra e para solucionar os problemas detectados.

Para que a avaliação da coleção seja realizada de maneira eficiente, deve-se conhecer o tipo de biblioteca, o tamanho da coleção, os recursos disponíveis, além dos objetivos que se quer alcançar. Esses dados irão influenciar, também, na escolha da metodologia utilizada para avaliação.

Existem inúmeros métodos de avaliação de coleções, mas Lancaster (1996), classifica as metodologias em quantitativas, qualitativas e fatores de uso.

5.6.1 Método Quantitativo

A avaliação quantitativa é baseada em dados estatísticos, que podem abranger o tamanho total da coleção ou apenas parte dela. Esse método serve para avaliar o tamanho da coleção e sua relação com outras variáveis como: tipo de materiais, idioma, data de publicação, área de assuntos ou número de volumes por usuário.

Esse tipo de avaliação tem menor custo em função dos dados já estarem disponíveis na biblioteca e serem facilmente coletados e analisados. É o instrumento de avaliação mais utilizado nas bibliotecas, mas deve-se ter cautela, pois “[. . .] os métodos quantitativos, apesar de fácil aplicação, não devem ser tomados

isoladamente, pois neste caso, deixam de considerar o fator qualidade.” (MACIEL, 2000, p. 24).

Desta forma, o relacionamento de estatísticas com os objetivos da biblioteca, pode não ser satisfatório, quando utilizado isoladamente, por não medir a qualidade da coleção da biblioteca.

5.6.2 Método Qualitativo

A avaliação qualitativa enfoca o conteúdo dos documentos, seu valor, para julgar a qualidade da coleção. Nesse método pode-se utilizar o julgamento de especialistas (método impressionista), além de listas, bibliografias e catálogos especializados na área.

No método impressionista solicita-se a especialistas da área, que trabalhem ou não na biblioteca, para julgarem a respeito da coleção. Para uma correta avaliação, o profissional deve ser imparcial e ter amplo conhecimento da área analisada.

Na utilização das listas, bibliografias e catálogos, Vergueiro (1989), destaca as etapas que devem ser seguidas: escolha da lista a ser utilizada, verificação dos itens citados na lista e que a biblioteca já possui e a elaboração de um relatório final. A maior dificuldade, é encontrar uma lista que seja adequada às características da biblioteca. Mas, em virtude dessa dificuldade, algumas bibliotecas elaboram listas especialmente para avaliação da sua coleção, chamadas de *ad hoc*, levando em conta apenas suas próprias características (VERGUEIRO, 1989).

Para a avaliação qualitativa, pode-se utilizar ainda, a comparação do acervo com os programas/planos de ensino:

Empregando o sistema de classificação que determina o arranjo dos livros nas estantes, atribuem-se números de classificação a todas as descrições de cursos incluídas no catálogo de cursos ministrados na universidade. Este 'perfil' de interesses acadêmicos será então cotejado com o perfil de assuntos do acervo da biblioteca (conforme aparece no catálogo topográfico), das aquisições correntes ou da circulação (LANCASTER, 1996, p. 74).

Os programas/planos de ensino constituem parâmetros importantes para avaliar a coleção, pois eles representam as áreas e assuntos de interesse da instituição à qual a biblioteca está inserida.

5.6.3 Método de Fatores de Uso

Essa metodologia consiste na avaliação do uso da coleção pela comunidade, de forma a verificar como o acervo está realmente sendo utilizado. Segundo Lancaster (1996, p. 51), esse método possui dois objetivos:

Um dos objetivos consiste em identificar os pontos fortes e fracos do acervo a partir dos padrões atuais de utilização, acarretando, portanto, modificações na política de desenvolvimento de coleções, a fim de aumentar a relevância do acervo para as necessidades dos usuários. Outro objetivo possível é identificar itens de pouca utilização, de modo que possam ser transferidos para áreas de armazenamento menos acessíveis (e menos dispendiosas), ou até mesmo descartados completamente.

Os dados necessários para essa avaliação, são facilmente coletados nas estatísticas de circulação (empréstimo domiciliar, entre bibliotecas, consulta local, etc.), principalmente se a biblioteca já estiver automatizada. Através destes dados, pode-se realizar uma análise da demanda, que mostrará a real utilidade do acervo, seus pontos fortes e fracos, além de identificar os itens da coleção que estão com muita demanda, para sua duplicação.

Mas deve-se ter cautela em relação ao método de fatores de uso, pois a não utilização do material, não é motivo suficiente para descartá-lo da coleção. Para o descarte, é recomendável a utilização desse método, juntamente com outros que tratem da qualidade e raridade do material.

6 METODOLOGIA

Este trabalho é um estudo de carácter exploratório e empírico, no qual utilizou principalmente a abordagem qualitativa para análise dos dados. No entanto, para determinar a qualidade da coleção da Biblioteca do Instituto de Psicologia, foi necessária também, a análise quantitativa, que auxiliou a detectar possíveis necessidades quanto ao número de exemplares.

6.1 Objeto de Estudo

O objeto deste estudo avaliativo são as obras básicas seleccionadas pelos professores (as) e citadas na bibliografia dos planos de ensino, das disciplinas obrigatórias do Curso de Graduação em Psicologia. As obras básicas são aquelas que visam introduzir e definir determinado assunto.

6.2 Procedimento de Coleta dos Dados

Este estudo foi constituído de duas etapas distintas, sendo a primeira exploratória e a segunda de carácter avaliativo.

Na primeira etapa, foram realizados os seguintes passos:

- a) reunião dos planos de ensino das disciplinas obrigatórias do Curso de Graduação em Psicologia, na COMGRAD* do Instituto de Psicologia;
- b) coleta da bibliografia relacionada nos planos de ensino;
- c) envio da bibliografia, de cada disciplina, via *e-mail*, para os professores responsáveis pelas disciplinas, solicitando que eles indicassem as obras básicas (B), as obras complementares (C) e a sugestão do número mínimo de exemplares, que a biblioteca deveria possuir, de cada obra básica (APÊNDICE A);

A coleta dos planos de ensino e a indicação das obras básicas pelos professores, foram realizadas no período de junho a agosto de 2005.

Na segunda etapa, de caráter avaliativo, foram realizados os seguintes passos:

- a) elaborada uma lista de referências, denominada Lista de Obras Básicas, na qual constam todas as obras indicadas pelos professores (as) responsáveis pelas disciplinas;
- b) os dados que fazem parte desta lista são o autor, título, local de publicação/editora e data de publicação;
- c) a Lista de Obras Básicas foi comparada com a coleção, verificando a existência ou não do material no acervo da Biblioteca;
- d) caso a Biblioteca já possuísse o material, foi verificada a necessidade de duplicação.

O resultado dessa análise foi sintetizado em três listagens de obras recomendadas para aquisição, com suas prioridades.

* Comissão Graduação.

6.3 Análise e Apresentação dos Dados

A análise dos dados foi realizada em duas etapas. Primeiramente foram analisadas as seguintes variáveis em relação às bibliografias que constam na Lista de Obras Básicas: autoria, idioma, ano de publicação e editora.

Num segundo momento, os dados coletados da Lista de Obras Básicas foram analisados e comparados com as obras existentes no acervo da biblioteca, por meio do catálogo on-line (SABi), visando verificar a existência ou não do material no acervo da Biblioteca e em quantidade necessária, considerando suas edições.

Após essa análise, foram elaboradas listas de obras recomendadas para aquisição:

- a) Lista de Obras Básicas, com prioridade 1 de aquisição: obras que a Biblioteca não possui exemplares e que estão esgotadas (APÊNDICE B). **Essa lista poderá ser utilizada pela Biblioteca para adquirir os itens através de permuta, doação ou compra de livros usados.**
- b) Lista de Obras Básicas, com prioridade 2 de aquisição: obras básicas, indicadas na bibliografia dos planos de ensino, e que não existem exemplares na biblioteca (APÊNDICE C);
- c) Lista de Obras Básicas, com prioridade 3 de aquisição: obras que a Biblioteca já possui exemplares, mas em quantidade insuficiente e que estão esgotadas (APÊNDICE D);

- d) Lista de Obras Básicas, com prioridade 4 de aquisição: obras básicas, indicadas na bibliografia dos planos de ensino, e que a biblioteca já possui exemplares, mas em quantidade insuficiente (APÊNDICE E);
- e) Lista de Obras Complementares: obras indicadas na bibliografia como complementares e que a biblioteca não possui exemplares (APÊNDICE F).

Nestas Listas, foram consideradas as edições das obras, recomendadas e existentes, para garantir que a coleção esteja atualizada.

Nas Listas Básicas, com prioridade 3 e 4, foram estipuladas à quantidade mínima necessária para aquisição de cada obra, ao lado da referência e entre parênteses. Para indicar o número ideal de exemplares, foi utilizada a média das sugestões dos professores e da Bibliotecária responsável pelo acervo, em relação à quantidade mínima de exemplares de obras básicas que a biblioteca deveria possuir.

Os itens relacionados na Lista de Obras Esgotadas (APÊNDICE G) são indicados para um possível remanejamento, para locais de acesso mais restrito.

A avaliação da coleção foi realizada apenas com as listas de prioridade 1 a 4, pois tem como objetivo avaliar qualitativamente e quantitativamente a coleção da Biblioteca em relação apenas às obras básicas selecionadas pelos professores, em seus planos de ensino. A Lista de Obras Complementares servirá como alternativa à Biblioteca, para posteriormente completar seu acervo de obras complementares.

6.4 Considerações e Limitações do Estudo

Para a realização deste estudo, algumas considerações devem ser descritas e observadas para melhor compreensão.

Foram utilizadas todas as obras citadas como básicas pelos professores em seus planos de ensino e que fazem parte da Lista de Obras Básicas, não excluindo nenhuma pelo idioma, ano de publicação, edição ou editora. Foram excluídas apenas as indicações de artigos de periódicos nacionais e internacionais, artigos disponíveis na internet, teses e dissertações.

Para fins de análise, na indicação de capítulos de livros, foi considerada a obra completa. Também, como citado anteriormente, foi considerada a edição da obra recomendada pelo professor (a) e da obra existente no acervo da Biblioteca, para garantir que a coleção mantenha-se atualizada.

Quanto ao ano de publicação, as referências foram agrupadas a cada quatro anos, por exemplo, 1995-1999, 2000-2004. Para a análise dos dados, organizadores e editores foram considerados como autoria das obras. E em relação à editora, foi considerada a instituição responsável pela publicação da obra.

Ainda para fins de análise, as obras que estão remanejadas no acervo para encadernação, foram consideradas inexistentes na biblioteca. Esse critério foi adotado, em virtude dessas obras estarem muito tempo separadas do acervo, devido à falta de recursos para encadernação*.

* Informação observada durante a realização de estágio obrigatório e não obrigatório, nessa Biblioteca, entre os anos de 2002 e 2005.

7 ANÁLISE DOS DADOS

Para realizar este estudo, foram coletados os planos de ensino das disciplinas obrigatórias do Curso de Graduação em Psicologia, oferecidas pelo Instituto. Os planos de ensino das disciplinas que são oferecidas por outros departamentos da Universidade, não foram utilizados, em virtude de as bibliotecas setoriais da UFRGS suprirem as necessidades, com relação às obras de suas áreas específicas.

Dos planos de ensino obtidos, foram coletadas as bibliografias, e estas, foram enviadas para os professores por e-mail, para eles indicarem as obras básicas. Ao todo foram coletadas 500 referências, sendo 307 de obras consideradas básicas e 193 referências de obras complementares.

Neste estudo, foram analisadas somente as obras consideradas básicas pelos professores. A análise dos dados coletados foi realizada primeiramente utilizando as variáveis: autoria, idioma, ano de publicação e editora. Posteriormente, comparou-se a relação de obras básicas com a coleção da Biblioteca do Instituto de Psicologia, visando verificar se todas as obras, constantes nos planos de ensino e indicadas como básicas, fazem parte do acervo e na quantidade necessária.

7.1 Análise Qualitativa

As obras básicas foram analisadas qualitativamente, utilizando como parâmetro às bibliografias dos planos de ensino do Curso de Graduação em

psicologia. Foram analisadas as variáveis citadas anteriormente: autoria, idioma, ano de publicação e editora.

7.1.1 Autoria

Em relação à autoria das obras básicas, observou-se que, entre os autores com o maior número de ocorrências, encontram-se aqueles considerados clássicos na literatura da área de Psicologia (QUADRO 1).

Autores	Quantidade de referências
FREUD, Sigmund	13
WINNICOTT, Donald Woods	7
LACAN, Jacques	6
GUATARRI, Félix	5
BOWLBY, John	4
CUNHA, Jurema Alcides	4
DOR, Joel	4
JUNG, Carl	4
MANNONI, Maud	4
OCAMPO, Maria Luisa Siquier de	4
BERGÈS, Jean	3
CALLIGARIS, Contardo	3
CATTANI, Antonio David	3
KAUFMANN, Pierre	3
PIAGET, Jean	3
STERNBERG, Robert J.	3
VAN KOLCK, Odette Lourenção	3
VYGOTSKY, Lev Semynovich	3

Quadro 1 – Autores mais Citados na Bibliografia Básica

Conforme as bibliografias dos planos de ensino, foi possível verificar que alguns autores mais citados são utilizados no decorrer de todo o curso e não apenas em um semestre. Estes autores possuem extenso currículo e são altamente

reconhecidos na área de Psicologia. Ressalta-se, também, que autores como Freud, Lacan, Piaget, entre outros, têm suas teorias utilizadas como embasamento teórico para cursos de Psicologia.

Dessa forma, é possível supor que, o fato do predomínio de obras de Freud na indicação da bibliografia básica sinaliza que o Curso de Graduação em Psicologia da UFRGS, provavelmente, segue uma linha de estudo mais freudiana.

Alguns dos autores que desenvolvem teorias próprias são, muitas vezes, estudados e comentados por outros autores, e estes, por sua vez, são indicados para leitura complementar da área.

Logo, é recomendável, que as bibliotecas possuam em seu acervo, tanto obras de autores clássicos, que desenvolvem teorias, como de autores que estudam essas teorias. Negrete Gutiérrez (1999) completa que, tanto os livros complementares quanto os básicos devem fazer parte do acervo de uma biblioteca universitária.

7.1.2 Idioma

Na análise do idioma das obras básicas, observou-se que o idioma predominante é português (GRÁFICO 1).

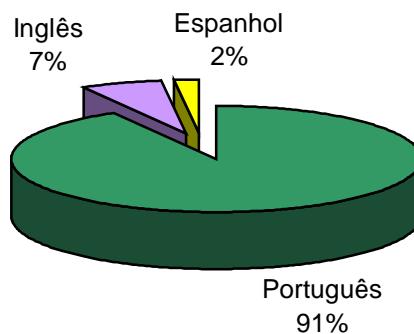


Gráfico 1 – Idioma mais Citado na Bibliografia Básica

A maior incidência desse idioma pode ser explicada, uma vez que são obras básicas para o Curso de Psicologia e estas devem ser de leitura acessível para a maioria dos alunos. Conforme Vergueiro (1997), os livros que fazem parte do acervo ou que farão parte, devem ser adequados aos usuários, em relação ao idioma, conveniência e estilo.

Neste estudo, observou-se também que inúmeras obras são versões traduzidas para a língua portuguesa e que a Biblioteca possui também exemplares dos originais em inglês, espanhol, francês ou alemão. Deve-se considerar que, as versões originais dos livros possuem seu valor histórico e cultural. Algumas vezes, as traduções não são fiéis ao texto original, além de possuírem supressões, falta de concordância e coerência, fato que poderá prejudicar o entendimento do pensamento do autor. Assim, a comparação da obra original com as traduções, possibilita verificar a qualidade do texto traduzido.

7.1.3 Ano de Publicação

Para analisar o ano de publicação das obras básicas, foram consideradas as edições recomendadas pelos professores na bibliografia dos planos de ensino, excluindo a existência de uma nova edição.

Para fim de análise, as datas foram agrupadas em intervalos de quatro anos, conforme ilustra o Gráfico 2.

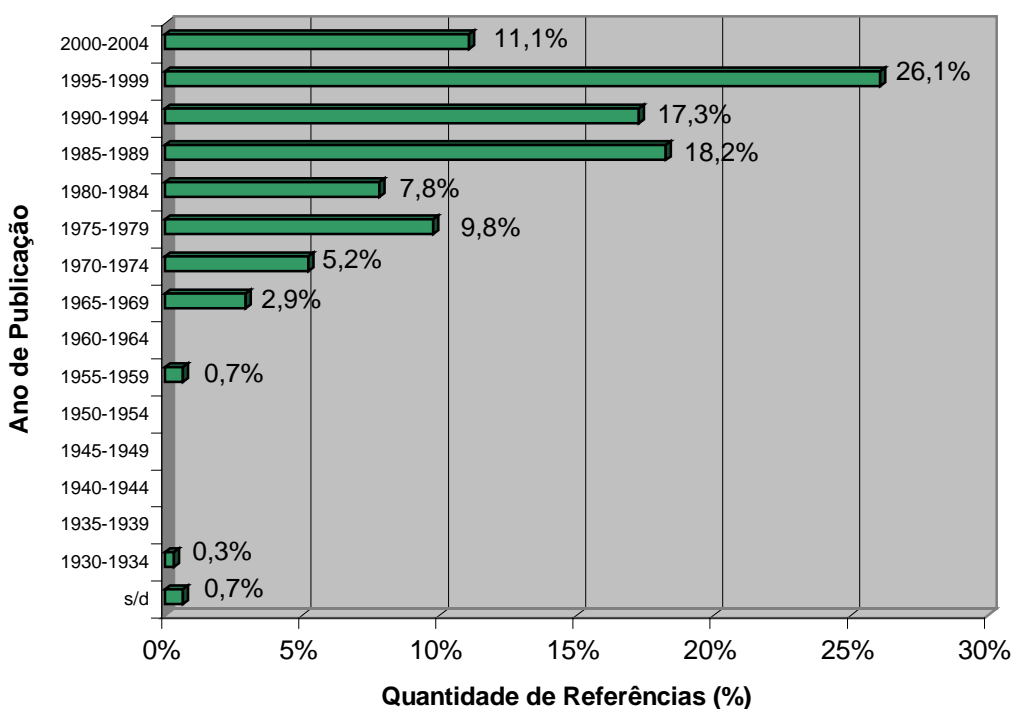


Gráfico 2 - Ano de Publicação das Obras Básicas

Observa-se, que a maioria das obras básicas indicadas pelos professores, são obras publicadas entre os anos de 1985 e 1999 (61,6%), mas principalmente entre 1995 e 1999 (26,1%) (GRÁFICO 2). A variação que ocorre entre os anos de 1975 e 1979 (9,8%), pode ser justificada pelo fato de ocorrer, nesse período, a

publicação das Obras Completas de Sigmund Freud, autor clássico da área e mais citado nas referências de obras básicas.

Geralmente, o ano de publicação de uma obra sinaliza a atualidade de seu conteúdo. Para Figueiredo (1993, p. 33) “a data do livro é de importância variável. [. . .] Em literatura informacional a data de publicação é muitas vezes significativa e indica o valor atual do livro.”

No entanto, a área de Psicologia possui uma literatura clássica e muito reconhecida. Conforme Vergueiro (1997, p. 23), em algumas áreas da ciência, as obras mais datadas, podem ser consideradas importantes fontes de pesquisa por “[. . .] constituírem uma contribuição já reconhecida e incorporada ao conhecimento.”

Foi verificado ainda, a possibilidade de existirem edições mais novas e atualizadas, em relação às indicadas pelos professores nos planos de ensino. Nessa análise, realizou-se buscas em fontes institucionais: catálogo *on-line* da UFRGS (SABi)¹, Livraria Cultura², Amazon³ e editora de cada livro.

Do total geral de 307 obras básicas, constatou-se que, 39% dos livros têm edições mais novas e 61% não existem exemplares mais atualizados (GRÁFICO 3).

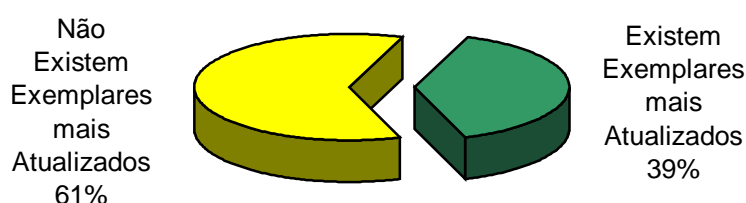


Gráfico 3 - Atualização da Bibliografia Básica

¹ SABi - Catálogo *on-line* da UFRGS. Disponível em: <<http://www.sabi.ufrgs.br>>.

² Livraria Cultura. Disponível em: <http://www.livrariacultura.com.br>.

³ Amazon. Disponível em: <<http://www.amazon.com>>.

A análise realizada visou verificar apenas a existência de novas edições. Não foi realizado nenhum estudo para constatar se as novas edições, dessas obras, eram apenas republicações ou constituíam realmente uma edição com revisões, alterações ou ampliações.

A possibilidade da maioria das novas edições constituírem, na realidade, uma republicação, talvez explique a desatualização das bibliografias dos planos de ensino por parte dos professores.

Com o objetivo de indicar obras para um possível remanejo, devido ao fato das mesmas serem edições esgotadas, verificou-se nas mesmas fontes citadas anteriormente, a situação de cada obra.

Desse levantamento constatou-se que há um número expressivo de títulos da área de Psicologia que tem suas edições esgotadas. Comparando-se a relação de obras esgotadas com o acervo da Biblioteca, verificou-se que, 43 títulos estão esgotados e estes, foram relacionados na Lista de Obras Esgotadas, para fins de remanejo (APÊNDICE G).

7.1.4 Editoras

Em relação às editoras, relacionou-se as 12 primeiras editoras com maior número de obras indicadas, sendo todas brasileiras. Este fato explica-se, uma vez que a maioria das obras são no idioma português (QUADRO 2).

Editoras	Quantidade de Referências
Artes Médicas	59
Vozes	28
Zahar	23
Imago	19
Martins Fontes	15
Brasiliense	9
Campus	6
Guanabarra Koogan	6
Rosa dos Tempos	6
Casa do Psicólogo	5
Francisco Alves	5
Mestre Jou	5

Quadro 2 – Editoras mais Citadas na Bibliografia Básica

Destaca-se, ainda, que as 5 editoras mais indicadas, reunidas, publicam cerca de 46% das obras consideradas básicas para o Curso de Graduação em Psicologia (GRÁFICO 4).

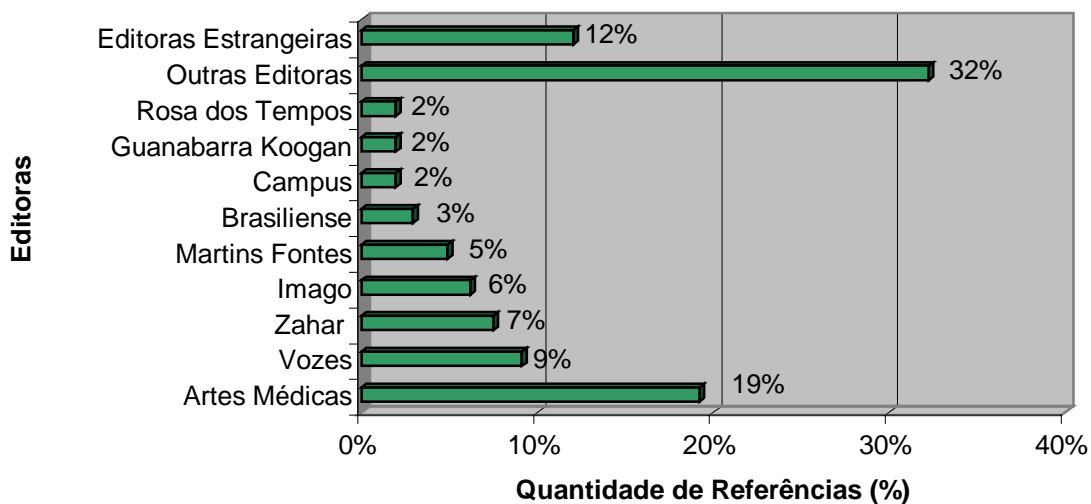


Gráfico 4 - Editora mais Citada na Bibliografia Básica

As editoras mais citadas são reconhecidas, principalmente na área de Psicologia, por publicarem materiais fundamentados em pesquisas e de conteúdo sólido. Em geral, seus livros possuem uma estrutura de apresentação completa, com sumário, bibliografia e índice, além de uma boa apresentação gráfica.

Para Vergueiro (1997) essa estrutura de apresentação dos livros, deve ser um dos critérios analisados para a seleção dos materiais que serão adquiridos por uma biblioteca.

7.2 Análise Quantitativa

A análise quantitativa das obras básicas, foi realizada em relação ao número ideal de exemplares de obras básicas, que a biblioteca deveria possuir para cada disciplina. Esse número ideal, foi obtido por meio da média das sugestões coletadas dos professores, através da solicitação (APÊNDICE A) encaminhada via *e-mail*, juntamente com a opinião da bibliotecária responsável pelo acervo.

Após a análise das sugestões, obteve-se uma média de quatro exemplares de obras básicas, por turma de 25 alunos. Considerou-se, ainda, o fato da obra ser indicada por mais de uma disciplina. Por exemplo, se duas disciplinas indicam uma mesma obra, o número de exemplares deverá ser calculado, multiplicando-se a média de quatro por dois e teremos oito como número ideal. Assim, o número ideal de exemplares deverá ser multiplicado pelo número disciplinas que indicam a obra.

7.3 Comparação da Lista de Obras Básicas com a Coleção da Biblioteca

A Lista de Obras Básicas foi comparada com o acervo da biblioteca para verificar a existência ou não do material na coleção.

Nesta comparação, verificou-se que a Biblioteca do Instituto de Psicologia possui 78% das obras consideradas básicas pelos professores para as disciplinas, o restante, 22% são as obras básicas que a biblioteca não possui nenhum exemplar* (GRÁFICO 5).

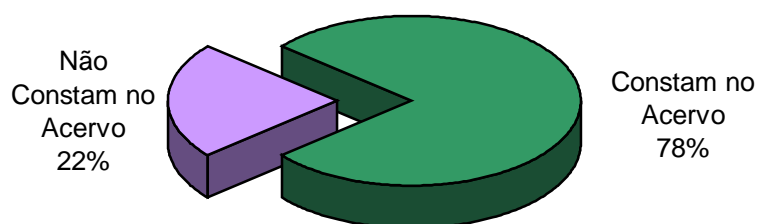


Gráfico 5 - Obras Básicas do Acervo

A análise quantitativa realizada, utilizando como parâmetro as sugestões dos professores, permite afirmar que a Biblioteca apresenta uma deficiência em relação à quantidade de exemplares disponíveis, necessitando da aquisição de novos itens para completar o acervo de obras básicas (QUADRO 3).

* Dados coletados no catálogo *on-line* da UFRGS (SABi), até 15 de agosto de 2005. Os materiais adquiridos pela Biblioteca, após essa data, não foram contabilizados.

Número de exemplares	Quantidade de Livros que Necessitam de Aquisição
1	24
2	38
3	44
4	7
5	8
6	7
7	3
8	2
9	3

Quadro 3 – Quantidade de Materiais que Necessitam de Aquisição

Assim, a biblioteca necessita da aquisição de 406 exemplares de obras básicas, que ela já possui algum exemplar igual, apesar de muitas possuírem suas edições esgotadas. A maior incidência são 44 obras que precisam da aquisição de três exemplares.

Conclui-se que, do total geral de obras básicas, a biblioteca possui 34% de exemplares em número suficiente, 44% em número insuficiente e 22% a Biblioteca não possui nenhum exemplar (GRÁFICO 6).

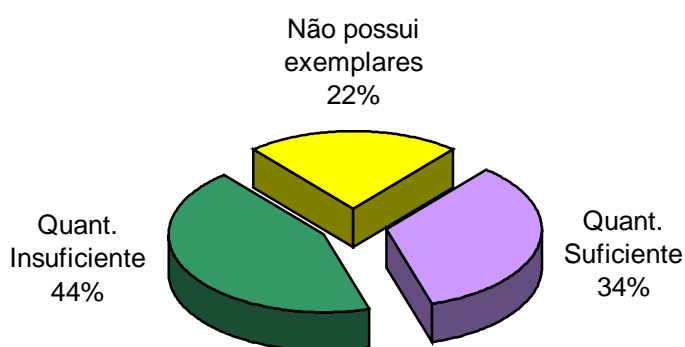


Gráfico 6 - Obras Básicas do Acervo

As obras que a Biblioteca não possui exemplares fazem parte da Lista de Obras Básicas, com prioridade 1 e 2 de aquisição. Estas listas são formadas por 63

referências de obras básicas, que a Biblioteca não possui nenhum exemplar daquela edição ou data de publicação, e nem de edições mais novas.

Em relação a estas listas, verificou-se que quanto:

- a) ao ano de publicação, a maioria das obras a serem adquiridas foram publicadas entre 1995-1999;
- b) ao idioma, 49 obras são em língua portuguesa, 12 em inglês e 2 em espanhol;
- c) à autoria, o autor John Bowlby necessita de maior quantidade de títulos a serem adquiridos;
- d) à editora, as que mais possuem obras a serem adquiridas são: Artes Médicas, Martins Fontes, Casa do Psicólogo e Climepsi;
- e) à atualidade, apenas 18 obras possuem edições mais novas do que as indicadas pelos professores na bibliografia básica.

Estas informações podem sugerir critérios de seleção, correspondendo a parâmetros de qualidade da coleção.

De modo geral, percebe-se que a Biblioteca do Instituto de Psicologia apresenta uma grande quantidade de obras básicas, para atender os alunos do Curso de Graduação em Psicologia. Entretanto, necessita da aquisição de novos exemplares para completar a sua coleção. Assim, pode-se considerar que o nível de qualidade do acervo da Biblioteca, em relação aos planos de ensino, é satisfatório.

8 CONCLUSÕES E SUGESTÕES

Os resultados deste estudo, embora já possam estar desatualizados, em virtude do constante processo de aquisição da Biblioteca, podem revelar necessidades e considerações a serem estudadas.

Em relação à autoria das obras básicas, observa-se que Sigmund Freud é o autor mais indicado. Esse dado sinaliza que, provavelmente, o Curso de Graduação em Psicologia da UFRGS, segue uma linha de estudo e pesquisa freudiano. Mas também, merecem destaque autores como Donald Woods Winnicott, Jacques Lacan, Félix Guatarri, John Bowlby, Jurema Alcides Cunha, Joel Dor, Carl Jung, Maud Mannoni e Maria Luisa Siquier de Ocampo.

Verificou-se, ainda, que entre os autores mais citados, somente alguns são autores brasileiros. Observou-se também, a predominância de autoria única.

No que diz respeito ao idioma, a predominância do português na bibliografia básica está, possivelmente, relacionada à dificuldade dos alunos de graduação dominarem outra língua como inglês, francês e alemão.

Quanto ao ano de publicação, as obras possuem duas realidades extremas. De um lado, as obras clássicas, que mesmo antigas, contem um valor incontestável para os usuários e que servem de fundamentação teórica para o curso. De outro, encontram-se as obras recém publicadas, com novos estudos e pesquisas, e as obras reeditadas, com atualizações, reformulações e com comentários de especialistas da área. Por estes motivos, o critério atualidade não deve ser analisado isoladamente na seleção, tanto para fins de aquisição, como para descarte, de obras da área de Psicologia.

Sobre o ano de publicação é interessante ainda, observar que a não atualização dos planos de ensino, por parte dos professores, provavelmente deve-se ao fato de que, a maioria das novas edições são apenas republicações, sem revisões, alterações ou ampliações.

Quanto às editoras, as mais representativas foram as brasileiras Artes Médicas, Vozes, Zahar, Imago, Martins Fontes e Brasiliense, e as internacionais Climepsi, de Lisboa e Paidós, de Buenos Aires. Todas são reconhecidas como editoras importantes na área de Psicologia.

No que diz respeito à tipologia documental, o livro foi o único utilizado neste estudo. Não tendo sido objeto de análise, outros tipos de materiais, também muito importantes para a área de Psicologia, como periódicos, teses, dissertações, entre outros.

Em relação aos resultados obtidos da comparação da coleção com a Lista de Obras Básicas, observou-se que, de modo geral, a Biblioteca do Instituto de Psicologia possui um nível de qualidade do acervo, bom. Entretanto, recomenda-se, a fim de melhorar qualitativa e quantitativamente a coleção de obras básicas:

- a) adquirir, preferencialmente, as obras não existentes no acervo da Biblioteca, que foram indicadas nas Listas de Obras Básicas com prioridade 1 e 2 de aquisição (itens esgotados devem ser adquiridos através de permuta, doação ou compra de livros usados);
- b) adquirir, posteriormente, os itens sugeridos nas Listas de Obras Básicas com prioridade 3 e 4 de aquisição, que são as obras básicas que necessitam da aquisição de alguns exemplares (itens esgotados devem ser adquiridos através de permuta, doação ou compra de livros usados);

- c) utilizar a Lista de Obras Esgotadas, para remanejar, no mínimo um exemplar da obra, para um local de acesso mais restrito;
- d) elaborar e implementar uma política de desenvolvimento de coleções de acordo com os objetivos e necessidades da Biblioteca;
- e) verificar periodicamente a atualização das bibliografias, a fim de atualizar a coleção;
- f) implementar um serviço de encadernação dos materiais danificados, principalmente das obras esgotadas;
- g) expandir o estudo para outras áreas (disciplinas eletivas da graduação, cursos de pós-graduação) podendo-se utilizar a mesma metodologia adotada, buscando um crescimento quantitativo e qualitativo de todo o acervo.

Por meio deste estudo, espera-se ter contribuído para o desenvolvimento da coleção de obras básicas da Biblioteca do Instituto de Psicologia, tendo mostrado seus pontos fortes e fracos em relação aos planos de ensino das disciplinas obrigatórias do Curso de Graduação de Psicologia.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Diva Carraro de; VERGUEIRO, Waldomiro. **Aquisição de Materiais de Informação**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1996.

EVANS, G. Edward. **Developing Library Collections**. Littleton: Libraries Unlimited, 1979.

FERREIRA, Lusimar Silva. **Bibliotecas Universitárias Brasileiras**: análise de estruturas centralizadas e descentralizadas. São Paulo: Pioneira; Brasília: INL, 1980.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. **Desenvolvimento e Avaliação de Coleções**. Rio de Janeiro: Rabiskus, 1993.

_____. **Estudos de Uso e usuários da Informação**. Brasília: IBICT, 1994.

_____. **Metodologias para Avaliações de Coleções**: incluindo procedimentos para revisão, descarte e armazenamento. Brasília: IBICT, 1985.

_____. **Metodologias para a Promoção do Uso da Informação**: técnicas aplicadas particularmente em bibliotecas universitárias e especializadas. São Paulo: Nobel; APB, 1991.

LAMPERT, Ernani. A Universidade e a Pesquisa. In: _____ (Org.). **A Universidade na Virada do Século XXI**: ciência, pesquisa e cidadania. Porto Alegre: Sulina, 2000. p. 15-24.

LANCASTER, F. **Avaliação de Serviços de Bibliotecas**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1996.

MACEDO, Neusa Dias de; DIAS, Maria Matilde Kronka. Subsídios para a Caracterização da Biblioteca Universitária. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 25, n. 3/4, p. 40-48, jul./dez. 1992.

MACHADO, Angela Maria Grando. **Avaliação da Coleção de Monografias da Área de Desenvolvimento de Coleções da Biblioteca da FABICO/UFRGS**. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Departamento de Ciências da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

MACIEL, Alba Costa. **Bibliotecas como Organizações**. Rio de Janeiro: Interciência, 2000.

NEGRETE GUTIÉRREZ, Maria del Carmen. **La Selección de Materiales Documentales en el Desarrollo de Colecciones**. México: Unam, Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas, 1988.

_____. El Impacto del Cambio em el Desarrollo de Colecciones em Bibliotecas Universitárias. **Scire**: representación y organización del conocimiento, Zaragoza, Espanha, v. 5, n. 1, p. 55-64, enero/jun. 1999.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. **Desenvolvimento de Coleções**. São Paulo: Polis; APB, 1989.

_____. **Qualidade em Serviços de Informação**. São Paulo: Arte & Ciência, 2002.

_____. **Seleção de Materiais de Informação**: princípios e técnicas. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1997.

WEITZEL, Simone R. O Desenvolvimento de Coleções e a Organização do Conhecimento: suas origens e desafios. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 61-67, jan./jun. 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE B - Lista de Obras Básicas, com Prioridade 1 de Aquisição

BERNARDINO, Leda Mariza Fischer (Org.). **Neurose Infantil Versus Neurose da Criança**. Salvador: Ágalma, 1997.

CICCONI, Albert. **Observação Clínica**. Lisboa: Climepsi, 2000.

DANTAS, Heloysa de Lima. **A Infância da Razão**: uma introdução à psicologia da inteligência de Henry Wallon. São Paulo: Manole Dois, 1990.

DOR, Joel. **Estruturas e Clínica Psicanalítica**. Rio de Janeiro: Taurus, 1994.

GRAEFF, Frederico G.; BRANDÃO, Marcus L. **Neurobiologia das Doenças Mentais**. 5. ed. São Paulo: Lemos, 1999.

GRAY, P. **Psychology**. New York: Worth Inc, 1991.

KLEIN, Melanie. **Obras Completas**. Buenos Aires: Paidós, 1978.

ROSENZWEIG, Mark R.; LEIMAN, Arnold L.; BREEDLOVE, S. Marc. **Biological Psychology**. Sunderland: Sinauer, 1998.

SZEJER, Myriam. **Palavras para Nascer**: a escuta psicanalítica na maternidade. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

VALÉRY, Paul. **Variedades**. São Paulo: Iluminuras, 1999.

WALLON, Henry. **As Origens do Pensamento na Criança**. São Paulo: Nova Alexandria, 1989.

APÊNDICE C – Lista de Obras Básicas, com Prioridade 2 de Aquisição

ATHAYDE, Milton et al. (Org.). **Trabalhar na Escola**: só inventando o prazer. Rio de Janeiro: Edições IPUB/CUCA, 2001.

BERGÈS, Jean. et al. **A Fobia**. Biblioteca do Trimestre Psicanalítico. Publicação da Associação Freudiana, 1992.

BERNE, Levy. **Physiology**. 4. ed. St Louis: Mosby, 1999.

BEST, Charles; TAYLOR, Norman B. **As Bases Fisiológicas da Prática Médica**. 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1985.

BLALOCK, Hubert. M. **Social Statistics**. New York: McGraw-Hill, 1972.

BLEGER, José. **Temas de Psicologia**: entrevista e grupos. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

BORKOWSKI, J. G.; ANDERSON, D. C. **Psicologia Experimental**: táticas de pesquisa do comportamento. São Paulo: Cultrix, 1981.

BOWLBY, John. **Cuidados Maternos e Saúde Mental**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

BOWLBY, John. **Formação e Rompimento dos Laços Afetivos**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BOWLBY, John. **Perda**: tristeza e depressão. São Paulo: Martins Fontes, 1989. V.3.

BUENO, Cleuza Maria Oliveira. **Entre-vista**: espaço de construção subjetiva. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2002.

CALLIGARIS, Contardo. **A Adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

COHN, Gabriel (Org.). **Max Weber**: sociologia. São Paulo: Ática, 1986.

COLIN, Robson. **Real Word Research**: a resource for social sciences and practioner research. Oxford: Blackwell, 1993.

DEJOURS, Christophe. **A Banalização da Injustiça Social**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

DEZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. **Handbook of Qualitative Research**. London: Sage, 1994.

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**: estudo sociológico. 6. ed. Lisboa: Presença, 1996.

EISIRIK, Cláudio L.; KAPCZINSKY, Flávio; BASSOLS, Ana Margareth Siqueira. **O Ciclo de Vida Humana: uma perspectiva psicodinâmica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

GALLIANO, Alfred Guilherme. **Introdução à Sociologia**. São Paulo: Harper e Row do Brasil, 1981.

GANONG, William F. **Review of Medical Physiology**. 17. ed. London: Praticce Hall, 1995.

GATTI, Bernadete A.; FÉRES, Nagib Lima. **Estatística Básica para Ciências Humanas**. São Paulo: Alfa Omega, 1975.

GAUER, R. **A Modernidade Portuguesa e a Reforma Pombalina de 1992**. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.

GODIN, Jean-Guy. **Jacques Lacan: 5 rue de Lille**. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

GUYTON, Arthur. **Tratado de Fisiologia Médica**. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1997.

HAMMER, Emanuel F. **Aplicações Clínicas dos Desenhos Projetivos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991.

HEARNshaw, L. S. **The Shaping of Modern Psychology**. London: Routledge, 1987.

JAFFÉ, Aniela. **A Morte à Luz da Psicologia**. São Paulo: Cultrix, 1989.

JIMÉNEZ, S. B.; RODRIGUEZ, B. G. **Processos Psicológicos Básicos**. Madrid: Universitas, 1996.

KAMMERER, Théophile; WARTEL, Roger. **Aquarela dos Diagnósticos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

KANDEL, Eric R.; SCHWARTZ, Jamis H.; JESSEL, Thomas M. **Essentials of Neural Science and Behavior**. London: Prentice Hall, 1996.

KANDEL, Eric R.; SCHWARTZ, Jamis H.; JESSEL, Thomas M. **Principles of Neural Science**. 3. ed. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1991.

KERNBERG, Paulina; WEINER, Alans; BARDENSTEIN, Karen K. **Transtornos da Personalidade em Crianças e Adolescentes**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

KLEIN, Melanie. et al. **Obras Completas de Melanie Klein**. Rio de Janeiro: Imago, s/d.

KOLB, Bryan; WHISHAW, Ian Q. **Fundamentals of Human Neuropsychology**. 2. ed. New York: Freedman, 1985.

LOUREIRO, Altair Macedo L. **A Velhice, o Tempo e a Morte**: subsídios para possíveis avanços do estudo. Brasília: UNB, 1998.

LOWY, Michael; SAYRE, Robert F. **Revolta e Melancolia**. Petrópolis: Vozes, 1995. *

MACHADO, Adriana Marcondes. **Psicologia Escolar**: em busca de novos rumos. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

MAHLER, Margaret S.; PINE, Fred; BERGMAN, Anni. **O Nascimento Psicológico da Criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

MEDIN, Douglas L.; ROSS, Brian H. **Cognitive Psychology**. United States: Harcourt Brace Jovanovich College, 1992.

MENDES, Rene. **Patologia do Trabalho**. São Paulo: Atheneu, 2003.

MENECHAL, Jean. **Introdução à Psicopatologia**. Lisboa: Climepsi, 1999.

MILLENSON, John R. **Princípios de Análise do Comportamento**. Brasília: Editora de Brasília, 1989.

PAIN, Sara. **Psicometria Genética**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

PORGE, Erik et al. **Littoral**: a criança e o psicanalista. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.

RICHARD, M. **As Correntes da Psicologia**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

RODRIGUES, José (Org.). **Émile Durkheim**: sociologia. 3. ed. São Paulo: Ática, 1984.

SAIDON, Osvaldo; KAMKHAGI, Vida R. **Análise Institucional no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002.

SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sidney. E. **História da Psicologia Moderna**. São Paulo: Cultrix, 1994.

SPRINGER, Sally P.; DEUTSCH, Georg. **Cérebro Esquerdo, Cérebro Direito**. São Paulo: Summus, 1996.

STENBERG, Rolf J. **Investigar en Psicología**. Barcelona: Paidós Ibéria, 1996.

WEFFORT, Madalena F. et al. **Grupo**: indivíduo, saber e parceria: malhas do conhecimento. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1994.

ZIMERMAN, Guitte I. **Velhice**: aspectos biopsicossociais. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

APÊNDICE D - Lista de Obras Básicas, com Prioridade 3 de Aquisição

() Quantidade de Exemplares

AJURIAGUERRA, Julián de. **Manual de Psiquiatria Infantil**. 2.ed. Rio de Janeiro: Masson, s/d. (9)

ANZIEU, Didier. **Os Métodos Projetivos**. Rio de Janeiro: Campus, 1978. (3)

ASSOUN, Paul-Laurent. **Metapsicologia Freudiana: uma introdução**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996. (1)

BERGÈS, Jean; BALBO, Gabriel. **A Criança e a Psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. (1)

BERTOLETE, José Manoel (Org.). **Glossário de Termos de Psiquiatria e Saúde Mental da CID-10 e seus Derivados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. (1)

BLOS, Peter. **Transição Adolescente: questões desenvolvimentais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. (1)

BRAZELTON, T. Berry; CRAMER, Bertrand G. **As Primeiras Relações**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. (3)

CALLIGARIS, Contardo. **Introdução a uma Clínica Diferencial das Psicoses**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. (2)

CANGUILHEM, Georges. **O Normal e o Patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. (1)

CORDIÉ, Anny. **Os Atrasados Não Existem: psicanálise de crianças com fracasso escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. (1)

CHEMAMA, Roland (Org.). **Dicionário de Psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. (2)

DI LEO, Joseph. **A Interpretação do Desenho Infantil**. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. (1)

DOLTO, Françoise. **O Caso Dominique**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972. (3)

DOR, Joel. **Introdução à Leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como uma linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. (2)

FIGUEIRA, Servulo Augusto (Org.). **Efeito Psi: a influência da psicanálise**. Rio de Janeiro: Campus, 1988. (3)

FLEIG, Mário (Org.). **Psicanálise e Sintoma Social**. São Leopoldo: UNISINOS, 1993. (1)

GOMIDE, Paula I.; WEBER, Lídia Natália D. **Análise Experimental do Comportamento**: manual de laboratório. Curitiba: UFPR, 1998. (3)

JUNG, Carl. **A Prática da Psicoterapia**. Rio de Janeiro: Vozes, 1976. (9)

KAHN, M. Masud R. **Psicanálise**: teoria, técnica e casos clínicos. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984. (3)

KLAUS, Marshall H.; KENNEL, John H.; KLAUS, Phyllis H. **Vínculo**: construindo as bases para um apego seguro e para a independência. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. (3)

KOPPITZ, Elizabeth M. **O Teste Gestáltico Bender para Crianças**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. (1)

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1991. (2)

LAZNIK-PENOT, Marie-Christine. **Rumo à Palavra**: três crianças autistas em psicanálise. São Paulo: Escuta, 1997. (5)

LE POULICHET, Sylvie. **O tempo na Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996. (3)

LECLAIRE, Serge. **Psicanalisar**. São Paulo: Perspectiva, 1977. (3)

LECOURS, André R.; PARENTE, Maria Alice. **Dislexia**: implicações do sistema de escrita do português. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. (2)

LOURAU, Rene. **Análise Institucional**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1996. (6)

MANNONI, Maud. **Um Saber que Não se Sabe**: a experiência analítica. Campinas: Papirus, 1989. (3)

MARCELLI, Daniel; BRACONNIER, A. **Manual de Psicopatologia do Adolescente**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. (7)

NEWCOMBE, Nora. **Desenvolvimento Infantil**: abordagem de Mussen. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999. (1)

SCHREBER, Daniel. **Memórias de um Doente dos Nervos**. Rio de Janeiro: Graal, 1984. (3)

VYGOTSKY, Lev S.; LURIA, Aleksander R. **Estudos Sobre a História do Comportamento**: o macaco, o primitivo e a criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. (3)

WERTHEIMER, Michael. **Pequena História da Psicologia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972. (2)

WINNICOTT, Donald Woods. **The Piggle**: relato do tratamento psicanalítico de uma menina. Rio de Janeiro: Imago, 1977. (2)

APÊNDICE E - Lista de Obras Básicas, com Prioridade 4 de Aquisição

() Quantidade de Exemplares

ALBOU, Paul. **Questionários Psicológicos**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973. (3)

ANDERSON, Harold H.; ANDERSON, Gladys L. **Técnicas Projetivas do Diagnóstico Psicológico**. São Paulo: Mestre Jou, 1978. (2)

AQUINO, Julio Groppa. **Do Cotidiano Escolar**: ensaios sobre a ética e seus avessos. São Paulo: Summus, 2000. (3)

BAREMBLITT, Gregorio (Coor.). **O Inconsciente Institucional**. Petrópolis: Vozes, 1984. (2)

BAREMBLITT, Gregorio. **Compêndio de Análise Institucional e Outras Correntes**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. (4)

BARTLEY, Samuel H. **Princípios de Percepción**. México: Trillas, 1969. (3)

BEAR, Mark F.; CONNORS, Barry W.; PARADISO, Michael A. **Neuroscience: exploring the brain**. Baltimore: Williams & Willkins, 1996. (3)

BERGÈS, Jean; BALBO, Gabriel. **Psicose, Autismo e Falha Cognitiva na Criança**. Porto Alegre: CMC, 2003. (2)

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: sobre a teoria e a ação. Campinas: Papyrus, 1996. (2)

BOWLBY, John. **Uma Base Segura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. (1)

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e Capital Monopolista**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. (2)

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **O Teste do Desenho como Instrumento de Diagnóstico da Personalidade**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1978. (3)

CHRISTENSEN, Annelise. **El Diagnóstico Neuropsicológico de Luria**. 2. ed. Madrid: Visor, 1987. (3)

CLARET, Jaime; TYSZLER, Jean (Org.). **Dicionário de Psicanálise**: Freud & Lacan. Salvador: Agalma, 1997. (2)

CORMAN, Louis. **O Teste do Desenho da Família**. São Paulo: Mestre Jou, 1979. (3)

COUTO, Luis Flávio (Org.). **Pesquisa em Psicanálise**. Belo Horizonte: ANPEPP, 1996. (1)

CRESWELL, John. W. **Research Design**: qualitative and quantitative approaches. London: Sage, 1994. (3)

CUNHA, Jurema Alcides. **Psicodiagnóstico-V**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. (5)

CUNHA, Jurema Alcides; NUNES, Maria Lucia T. **Teste das Fábulas**: forma verbal e pictórica. São Paulo: Centro Editor de Testes e Pesquisa em Psicologia, 1993. (3)

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. (5)

DÖRNER, Klaus. **Ciudadanos y Locos**: historia social de la psiquiatria. Taurus: Madrid, 1974. (3)

ERIKSON, Erik. **Infância e Sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. (5)

ETCHEGOYEN, R. Horácio. **Fundamentos da Técnica Psicanalítica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. (2)

EYSENCK, Michael W.; KEANE, M. T. G. **Psicologia Cognitiva**: um manual introdutório. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. (1)

FAGUNDES, Antônio J. da F. **Descrição, Definição e Registro de Comportamento**. São Paulo: Edicon, 1985. (3)

FARR, Robert M. **As Raízes da Psicologia Social Moderna**. Petrópolis: Vozes, 1998. (7)

FENDRIK, Silvia. **Ficção das Origens**: contribuição à história da psicanálise de crianças. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. (2)

FENICHEL, Otto. **Teoria Psicanalítica das Neuroses**. São Paulo: Atheneu, 1981. (3)

FIGUEIREDO, Luis C. M. **Revisitando as Psicologias**. Petrópolis: Vozes, 1995. (3)

FIORINI, Héctor J. **Teoria e Técnicas de Psicoterapias**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. (1)

FONSECA, Tânia G.; KIRST, Patrícia G. **Cartografias e Devires**: a invenção do presente. Porto Alegre: UFRGS, 2003. (1)

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis, Vozes, 1999. (6)

FOULQUIÉ, Paul; DELEDALLE, Gerard. **A Psicologia Contemporânea**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969. (3)

FREUD, Anna. **O Tratamento Psicanalítico de Crianças**. Rio de Janeiro: Imago, 1971. (2)

GAARDEN, Jostein. **O Mundo de Sofia**. São Paulo: Cia das Letras, 1995. (2)

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis: Vozes, 2001. (2)

GAP. Grupo para o Avanço da Psiquiatria. **Distúrbios Psicopatológicos na Infância**: teoria e classificação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. (6)

GARCÍA ARZENO, María Esther G. **Psicodiagnóstico Clínico**: novas contribuições. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. (4)

GARRETT, Henry E. **Great Experiments in Psychology**. London: Appleton Century, 1930. (1)

GUATARRI, Félix. **Revolução Molecular**: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1987. (2)

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986. (4)

HERMANN, Fábio. **Clínica Psicanalítica**: a arte da interpretação. São Paulo: Brasiliense, 1991. (5)

HOLMES, David S. **Psicologia dos Transtornos Mentais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. (6)

IBAÑEZ, Tomas. **Psicologia Social Construcionista**. Guadalajara: Universidade de Guadalajara, 1994. (3)

JAPIASSU, Hilton. **A Psicologia dos Psicólogos**. Rio de Janeiro: Imago, 1993. (3)

JERUSALINSKY, Alfredo N. **Psicanálise do Autismo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984. (2)

JUNG, Carl. **Sincronicidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1980. (2)

KAPCZINSK, Flávio P.; QUEVEDO, João L.; IZQUIERDO, Ivan A. **Bases Biológicas dos Transtornos Psiquiátricos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. (2)

KAUFMANN, Pierre (Org.). **Dicionário Enciclopédico de Psicanálise**: o legado de Freud e Lacan. Rio de Janeiro: Zahar, 1996. (5)

KLEIN, Melanie et al. **Os Progressos da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982. (2)

KLOPFER, Bruno. **Developments in the Rorschach Technique**. New York: Brace & World Inc, 1965. (2)

KNOBLOCH, Felícia (Org.). **O Inconsciente**: várias leituras. São Paulo: Escuta, 1991. (6)

KOCH, Karl. **Teste da Árvore**. São Paulo: Mestre Jou, 1965. (2)

- LACAN, Jacques. **A Querela dos Diagnósticos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989. (1)
- LAPASSADE, George. **Grupos, Organizações e Instituições**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. (7)
- LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A Construção do Saber**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999. (2)
- LEFORT, Rosine; LEFORT, Robert. **Marisa: a escolha sexual da menina**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. (3)
- LIBERMAN, David. **Psicopatologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1992. (8)
- LOBOSQUE, Ana M. **Experiências da Loucura**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001. (3)
- MANNONI, Maud. **A Criança Retardada e a Mãe**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995. (2)
- MANNONI, Maud. **A Criança, sua "Doença" e os Outros: o sintoma e a palavra**. São Paulo: Via Lettera, 1999. (4)
- MANNONI, Maud. **A Primeira Entrevista em Psicanálise**. Rio de Janeiro: Campus, 1991. (3)
- MARASCHIN, Cleci (Org.). **Psicologia e Educação: multiversos sentidos, olhares e experiências**. Porto Alegre: UFRGS, 2003. (2)
- MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. Livro 1, v.1. (2)
- McGUIGAN, Frank J. **Psicologia Experimental: uma abordagem metodológica**. São Paulo: E.P.U., 1976. 1
- MEIRA, Ana Marta (Org.). **Novos Sintomas**. Salvador: Ágalma, 2003. (2)
- MELMAN, Charles. **Novos Estudos sobre a Histeria**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. (2)
- MENZIES, Izabel E.; JAQUES, Elliott. **Los Sistemas Sociales como Defesa Contra la Ansiedad**. 2. ed. Buenos Aires: Paidós, 1974. (3)
- MURRAY, Henry A. **Teste de Apercepção Temática (TAT): manual para aplicação**. São Paulo: Mestre Jou, 1973. (3)
- NARDI, Henrique Caetano. **Saúde, Trabalho e Discurso Médico: a relação médico-paciente e o conflito capital-trabalho**. São Leopoldo: UNISINOS, 1999. (2)
- NICK, Eva; KELLNER, Sheilah Rubino de Oliveira. **Fundamentos de Estatística para as Ciências do Comportamento**. Rio de Janeiro: Renes, 1971. (3)

O CAMPO, Maria Luisa Siquier et al. **O Processo Psicodiagnóstico e as Técnicas Projetivas**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984. (8)

OLIVEIRA, Marta K. **Vygotsky**: aprendizagem e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1993. (2)

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10**: descrições clínicas e diretrizes. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. (4)

PERRAUDEAU, Michel. **Piaget Hoje**: respostas a uma controvérsia. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. (4)

PERVIN, Lawrence A. **Handbook of Personality**: theory and research. New York: Guilford, 1990. (3)

PETOT, Jean-Michel. **Melanie Klein I e II**. São Paulo: Perspectiva, 1991. (1)

PIAGET, Jean. **O Julgamento Moral na Criança**. São Paulo: Mestre Jou, 1977. (2)

PIAGET, Jean; FRAISSE, Paul; REUCHLIN, Maurice. **Tratado de Psicologia Experimental**. Rio de Janeiro: Forense, 1968-1969. (1)

POSNER, Michael I. **The Foundations of Cognitive Science**. Cambridge: MIT Press, 1989. (3)

RACKER, Heinrich. **Estudos sobre Técnica Analítica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982. (4)

RAMOZZI-CHIAROTTINO, Zélia. **Psicologia e Epistemologia Genética de Jean Piaget**. São Paulo: EPU, 1988. (1)

ROCHA, Paulina S. (Org.). **Autismos**. São Paulo: Escuta, 1997. (1)

RODRIGUE S, Heliana de B. C.; LEITÃO, Maria Beatriz S.; BARROS, Regina D. B. **Grupos e Instituições em Análise**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. (9)

ROGERS, Carl. **Psicoterapia e Consulta Psicológica**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1979. (3)

ROSENFELD, Anatol. **O pensamento Psicológico**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993. (2)

ROUDINESCO, Elizabeth. **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro: Zahar, 2000. (3)

SAFOUAN, Moustapha. **Seminário**: angústia, sintoma e inibição. Campinas: Papyrus, 1986. (3)

SOUZA, Alduíno Moreira de (Org.). **Psicanálise de Crianças**: interrogações clínico/teóricas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. V. 1. (1)

SPITZER, Robert L. et al. **DSM-IV: casos clínicos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. (5)

STERNBERG, Robert J. **Psicologia Cognitiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. (6)

SZEIER, Myriam; STEWART, Richard. **Nove Meses na Vida da Mulher**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. (2)

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 1995. (1)

VAN KOLCK, Odette Lourenção. **Técnicas de Exame Psicológico e suas Aplicações no Brasil**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1981. (5)

VORCARO, Ângela Maria R. **A Criança na Clínica Psicanalítica**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997. (3)

VYGOTSKY, Lev S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991. (2)

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993. (4)

WINNICOTT, Donald Woods. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975. (6)

WINNICOTT, Donald Woods. **Os Bebês e suas Mães**. São Paulo: Martins Fontes, 1988. (3)

WINNICOTT, Donald Woods. **Textos Selecionados: da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993. (3)

APÊNDICE F – Lista de Obras Complementares

ALTOÉ, Sônia (Org.). **René Lourau**: analista institucional em tempo integral. São Paulo: Hucitec, 2004.

BAPTISTA, Luis Antonio dos Santos. **A Fábrica de Interiores a Formação Psi em Questão**. Niterói: UFF, 2000.

BERGÈS, J.; BALBO, G. **A Atualidade das Teorias Sexuais Infantis**. Porto Alegre: CMC, 2001.

BOTAZZO, Carlos. **Unidade Básica de Saúde**: a porta do sistema revisitada. São Paulo: Edusc, 1999.

CANDAU, Vera Maria; LUCINDA, Maria da Consolação; NASCIMENTO, Maria das Graças. **Escola e Violência**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

CAPOVILLA, A. G. S. ; CAPOVILLA, F. C. **Problemas de Leitura e Escrita**. São Paulo: Memnon, 1999.

COSTERMANS, J. **As Atividades Cognitivas**: raciocínio, decisão e resolução de problemas. Coimbra: Quarteto, 2001.

FERNANDEZ, A. M. **Instituciones Estalladas**. Buenos Aires: Eudeba, 2001.

GADELHA, Sylvio de Sousa. **Subjetividade e Menor-idade**: acompanhando o dever dos profissionais do social. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desportos, 1998.

GOLDER, E. M. **Clínica da Primeira Entrevista**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

HABIB, M. **Bases Neurológicas de las Conductas**. Barcelona: Masson, 1994.

JOLY, M. **Introdução à Análise da Imagem**. Campinas: Papirus, 2002.

KAGAN, A. ; SALING, M. **Uma Introdução à Fisiologia de Luria**: teoria e aplicação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MACHADO, Ângelo. **Neuroanatomia Funcional**. São Paulo: Atheneu, 1993.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1986.

METZ, C. **O Significante Imaginário**: psicanálise e cinema. Lisboa: Livros Horizonte, 1980.

MUCCHIELLE, Roger. **O Exame Psicotécnico**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

- NASIO, J. **Nos Limites da Transferência**. Campinas: Papyrus, 1987.
- NEBOT, J. R. **Clínica Móvil**: el socioanálisis y la red. Montevideo, Psicolibros, 2004.
- NEBOT, J. R. **Multiplicidad y Subjetividad**. Montevideo, Nordan, 1994.
- NUNES, César; SILVA Edna. **A Educação Sexual da Criança**: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade. Campinas: Autores associados, 2000.
- OLIVEIRA, M. A. D. **Neurofisiologia do Comportamento**. Canoas: Ulbra, 1997.
- PEREIRA, D. et al. **Criando Crianças**. Porto Alegre: Magister, 2001.
- RIVERA, Francisco Javier Uribe (Org.). **Planejamento e Programação em Saúde**. São Paulo: Cortez, 1992.
- ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.
- SACKS, Oliver. **O Homem que Confundiu sua Mulher com um Chapéu**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SOMMER, R.; SOMMER, B. B. **A Practical Guide to Behavioral Research**. New York: Oxford University Press, 1991.
- TORODOV, T. **Teorias do Símbolo**. Campinas: Papyrus, 1996.
- VASCONCELOS, Eymard Mourão. **Educação Popular e a Atenção à Saúde da Família**. São Paulo: Hucitec, 2001.
- VEGA, D. et al. **Travesías Institucionales**: escritos de uma subjetividade implicada en el campo social. Buenos Aires: Lugar Editorial, 2000.
- XAVIER, I. **A Experiência do Cinema**: antologia. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

APÊNDICE G – Lista de Obras Esgotadas (para remanejo)

AJURIAGUERRA, J. de. **Manual de Psiquiatria Infantil**. 2.ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Masson, s/d.

ANTUNES, M. A. M. **A Psicologia no Brasil**: leitura histórica sobre sua constituição. São Paulo: Unimarco e Educ, 1999.

ANZIEU, D. **Os Métodos Projetivos**. Rio de Janeiro: Campus, 1978.

ASSOUN, P-L. **Metapsicologia Freudiana**: uma introdução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

BERGÈS, Jean; BALBO, Gabriel. **A Criança e a Psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BERTOLETE, José Manoel (Org.). **Glossário de Termos de Psiquiatria e Saúde Mental da CID-10 e seus Derivados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BLOS, P. **Transição Adolescente**: questões desenvolvimentais. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BRAZELTON, T. B.; CRAMER, B. G. **As Primeiras Relações**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CALLIGARIS, Contardo. **Introdução a uma Clínica Diferencial das Psicoses**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

CANGUILHEM, G. **O Normal e o Patológico**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2000.

CHEMAMA, R. (Org.). **Dicionário de Psicanálise**. Porto Alegre: Larousse; Artes Médicas, 1995.

CORDIÉ, Anny. **Os Atrasados Não Existem**: psicanálise de crianças com fracasso escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CORIAT, Elsa. **A Psicanálise na Clínica de Bebês e Crianças Pequenas**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

DI LEO, J. **A Interpretação do Desenho Infantil**. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

DOLTO, F. **O Caso Dominique**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

DOR, Joel. **Introdução à Leitura de Lacan**: o inconsciente estruturado como uma linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

ERIKSON, Erik. **Identidade, Juventude e Crise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

EYSENCK, Michael W.; KEANE, M. T. G. **Psicologia Cognitiva**: um manual introdutório. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FIGUEIRA, S. A. (Org.). **Efeito Psi**: a influência da psicanálise. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

FLEIG, M. (Org.). **Psicanálise e Sintoma Social**. São Leopoldo: UNISINOS, 1993.

FREUD, Anna. **Infância Normal e Patológica**: determinantes do desenvolvimento. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

GOMIDE, P. I.; WEBER, L. N. D. **Análise Experimental do Comportamento**: manual de laboratório. Curitiba: UFPR, 1998.

JUNG, Carl. **A Prática da Psicoterapia**. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.

KAHN, Masud R. **Psicanálise**: teoria, técnica e casos clínicos. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

KLAUS, M. H.; KENNEL, J. H.; KLAUS, P. H. **Vínculo**: construindo as bases para um apego seguro e para a independência. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

KOPPITZ, E. M. **O Teste Gestáltico Bender para Crianças**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LAZNIK-PENOT, Marie-Christine. **Rumo à Palavra**: três crianças autistas em psicanálise. São Paulo: Escuta, 1997.

LE POULICHET, S. **O Tempo na Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

LECLAIRE, Serge. **Psicanalisar**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

LECOURS, A. R.; PARENTE, M. A. **Dislexia**: implicações do sistema de escrita do português. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

LOURAU, Rene. **Análise Institucional**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

MANNONI, Maud. **Um Saber que Não se Sabe**: a experiência analítica. Campinas: Papyrus, 1989.

MARCELLI, Daniel; BRACONNIER, A. **Manual de Psicopatologia do Adolescente**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

MONTOYA, A. **Piaget e a Criança Favelada**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

MOTTA, F. C. P. **O Que é Burocracia**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

NEWCOMBE, N. **Desenvolvimento Infantil**: abordagem de Mussen. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SCHREBER, Daniel. **Memórias de um Doente dos Nervos**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

SOIFER, Raquel. **Psiquiatria Infantil Operativa**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

VYGOTSKY, Lev S.; LURIA, Aleksander R. **Estudos Sobre a História do Comportamento**: o macaco, o primitivo e a criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

WERTHEIMER, M. **Pequena História da Psicologia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.

WINNICOTT, Donald Woods. **The Piggle**: relato do tratamento psicanalítico de uma menina. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

WINNICOTT, Donald Woods. **O Ambiente e os Processos de Maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.